

TERÇA-FEIRA
BRASÍLIA, 16 DE OUTUBRO DE 2007

DF - Cidade
ESTRUTURAL

Cidades

Editor: Ricardo Nobre
E-mail: rnobre@jornaldebrasilia.com.br
Telefone: 3343-8143

MUDANÇAS OPERACIONAIS TORNAM MENOS INSALUBRE O TRABALHO DOS CATADORES DE MATERIAL RECICLÁVEL DO ATERRO SANITÁRIO

Melhores condições

Igor Silveira

Adifícil vida dos catadores de material reciclável que trabalham no aterro sanitário da Estrutural tem apresentado melhorias nos últimos meses. O local, que recebe diariamente uma média de 1.700 toneladas de lixo de todo o Distrito Federal, está sendo reestruturado. Agora, as condições de garimpo de resíduos para venda estão menos precárias para as quase mil pessoas que freqüentam o lugar.

Marcelo Batista dos Santos, 24 anos, trabalha há 13 anos no aterro sanitário da Estrutural e garante que, atualmente, consegue recolher materiais recicláveis com mais facilidade.

Paulo Michelone, técnico da Caenge Ambiental, empresa responsável pela administração do lugar, explica que a destinação final dos resíduos tem sido planejada com o objetivo de melhorar toda a parte operacional do aterro para trabalhadores da empresa e catadores de lixo.

"Além de aterrarr e dividir o local em praças de lixo, nós também temos preocupações com o meio-ambiente", diz Michelone. "Antigamente, o acesso até aqui era muito ruim. Quando está seco, a poeira é insuportável

e, na época da chuva, a lama atrapalha bastante o nosso trabalho", ressalta o técnico.

Desde o final de maio deste ano, os catadores contam com o apoio de assistentes sociais que cadastram as pessoas que trabalham no aterro sanitário para elaborar um relatório com as necessidades. A meta é promover cursos de capacitação, em parceria com o terceiro setor, de acordo com o interesse dos catadores.

■ Imagem deturpada

"A população, de um modo geral, tem uma visão deturpada da pessoa que recolhe material reciclável. Os catadores são honestos, trabalhadores e, se tivessem oportunidade, estariam procurando sustento em condições melhores", opina Ângela de Fátima Trindade, assistente social da Cenge Ambiental.

Como exemplo, Ângela cita o caso de Ivonete Maria de Jesus, 38 anos, que é catadora há oito anos, mas, desde 2006, completa a renda vendendo refeições para outros trabalhadores do aterro. Baiana, como Ivonete é conhecida, percebeu que as pessoas tinham de sair do aterro para comprar comida e começou a fazer lanches para entregar dentro do local. "Ela



■ EM SUA DURA ROTINA, TRABALHADORES CONTAM AGORA COM APOIO DE ASSISTENTES SOCIAIS

enxergou, no meio de toda essa loucura, uma oportunidade para lucrar mais. Nesse caso, todos saem ganhando", afirma a assistente social.

Segundo Divino Santana, superintendente de operação e fiscalização do Serviço de Limpeza Urbana, as melhorias no aterro sanitário da Estrutural foram uma exigência feita no con-

trato emergencial feito entre o Governo do Distrito Federal e a Caenge Ambiental, que continuará operando no local até o dia 21 de novembro. A partir daí, o resultado do processo licitatório para administrar o local deve ser concluído.

"A licitação é para operar no aterro por um ano, podendo ser prorrogado por mais 12 meses.

Neste meio tempo, o GDF pretende construir, em Samambaia, outro aterro com todas as exigências, inclusive ambientais, porque o da estrutural, quando foi concebido há 40 anos, não tinha esta preocupação", revela Santana. "Quando a obra estiver concluída, as condições de trabalho dos catadores devem melhorar ainda mais", conclui.

PEDRO LADEIRA